

RESENHA

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Laçada em 2005 pela Martins Fontes, a obra *Introdução à crítica textual*, de autoria de César Nardelli Cambraia, pode ser considerada mais do que uma mera introdução, como sugere seu título. A leitura do texto legitima sua classificação na categoria dos manuais. Os manuais introdutórios sobre o assunto em língua vernácula, que são poucos, encontram-se esgotados há tempos. Realmente, não haveria momento mais propício para o lançamento de uma obra tão completa quanto a de autoria de Cambraia.

O autor informa, ainda no prefácio, que o livro foi concebido para ser utilizado em cursos universitários de graduação. Porém, felizmente, o público-alvo se amplia, atendendo aos anseios de pós-graduandos recém-inscritos em suas áreas de pesquisa, ligadas principalmente à língua portuguesa, e de leitores leigos na matéria interessados em conhecer os percursos que os textos escritos enfrentam até o momento de chegarem a suas mãos. A linguagem, extremamente didática e objetiva, mas não menos crítica, auxilia a aquisição de conhecimento sobre o assunto, cujos primeiros exemplos datam do início da produção escrita da humanidade.

Se a disciplina Crítica Textual estava fora do currículo dos cursos de Letras e afins pela dificuldade de encontrar-se bibliografia sobre o assunto, o livro que ora se apresenta é uma excelente oportunidade para a revisão da grade curricular e possível inclusão des-

Resenha.

sa disciplina, que tem mais de dois milênios de existência e mostra-se carente de pesquisadores, em língua portuguesa, na atualidade.

O livro é dividido, didaticamente, em oito capítulos, a saber: introdução, breve histórico da crítica textual, a transmissão dos textos, tipos de edição, normas de edição, edição crítica, crítica textual e informática e crítica textual e ensino. Trata-se não apenas de mera descrição da disciplina e de suas áreas de atuação, mas do exame de discussões importantes, como a travada acerca da influência da informática no campo da crítica textual, no penúltimo capítulo.

No capítulo introdutório, Cambraia define o escopo da crítica textual, relacionando-o ao fato de que “um texto sofre modificações ao longo do processo de sua transmissão”. Logo no início, o livro atrai os leitores leigos na matéria, ao realizar um jocoso paralelo entre a crítica textual e a brincadeira *telefone-sem-fio*. Comparando a alteração da frase inicial, que ocorre no jogo, e as alterações que sofrem os textos durante sua transmissão, chega-se ao objetivo da crítica textual: “a restituição da forma genuína dos textos”.

Após a definição do objetivo da ciência que é assunto da obra, trata-se dos tipos de modificações sofridas pelos textos: exógenas e endógenas. As de primeiro tipo referem-se àquelas em que o material utilizado para registrar um texto é corrompido, devido a fatores naturais, como umidade, sol e insetos, e não-naturais, como fogo e vandalismo. Processo comum nos capítulos seguintes da obra, segue-se à teoria um ou mais exemplos que esclarecem o conceito anteriormente explicado. No caso particular das modificações exógenas, são utilizados os exemplos do *Pergaminho Vindel* e do *Pergaminho Sharrer* – muito conhecidos pelos estudiosos de filologia e de literatura medieval pela sua imensa contribuição à lírica profana portuguesa – nos quais estudiosos encontraram cantigas e partituras em pergaminhos que serviam de forro a códices dos séculos XIV e XVI. A reprodução fac-similada do *recto* do segundo fólio do *Pergaminho Vindel* pode ser observada logo após os exemplos. A versão medieval portuguesa do *Merlim*, clássico exemplo de perda

por corrupção do material, encerra a descrição sobre as modificações exógenas.

O segundo tipo de modificações, as endógenas, refere-se ao ato de reprodução do texto em si e são divididas em autorais e não-autorais. As autorais relacionam-se às revisões de provas tipográficas realizadas pelos autores e também às mudanças efetuadas por esses de uma edição para outra. As não-autorais são as modificações que ocorrem sem a autorização ou conhecimento do autor, involuntária (lapsos ou erros de cópia) ou voluntariamente (censura, por exemplo).

Cambráia aborda, ainda no capítulo introdutório, a questão terminológica relacionada aos conceitos de crítica textual, ecdótica e filologia. O autor faz a revisão bibliográfica dos termos, apontando a aceção mais freqüente para cada um deles atualmente.

Por fim, são discutidas as principais contribuições da crítica textual, considerando a “recuperação do patrimônio cultural escrito” de uma dada cultura a mais evidente delas. A transdisciplinaridade da crítica textual encerra o capítulo, com a definição de suas ciências auxiliares: paleografia, diplomática, codicologia, bibliografia material e lingüística.

No segundo capítulo, aborda-se a história da crítica textual, que remonta a mais de dois mil anos atrás. É uma árdua tarefa a elaboração de tal histórico, levando-se em conta o tempo de existência da disciplina e suas diversas aplicações ao longo do tempo. Porém, o autor consegue expor, de forma clara e concisa, as etapas de formação da ciência, dividida nos seguintes períodos: da Antiguidade à Idade Média, do Renascimento ao século XXI e época moderna. O histórico inicia com a Biblioteca de Alexandria e os primeiros filólogos, que introduzem um sistema de sinais para explicitar seu julgamento sobre a genuinidade do texto, passa pelas cinco gerações de estudiosos da Itália renascentista, pela crítica neotestamentária de Erasmo de Rotterdam e pelos primeiros manuais a respeito do assunto, datados dos séculos XVI e XVII, e chega ao alemão Karl Lachmann, fundador do método lachmanniano, se-

Resenha.

gundo o qual divide-se a crítica textual em recensão e emenda, ou reconstituição. Ao encerrar o capítulo, descreve o panorama da crítica textual em Portugal e no Brasil, onde as edições rigorosas de textos começam a ser produzidas somente em fins do século XIX. Sob uma perspectiva crítica, é analisada a atividade editorial brasileira, que ganha força a partir de meados da década de cinquenta.

A transmissão dos textos, através dos livros manuscritos e dos impressos, é analisada no terceiro capítulo, que principia pela definição de conceitos básicos, como testemunhos autógrafos e apógrafos, seguindo a mesma linha de clareza do restante da obra. O processo de produção do livro manuscrito, desde a forma como se preparava o papiro e o pergaminho até os procedimentos utilizados no ato de cópia, é descrito permeado de exemplos ilustrativos ocorridos tanto em Portugal quanto em outros locais, auxiliando na descrição precisa da elaboração dos códices.

Descreve-se também o processo de produção do livro impresso, que possui terminologias distintas dos livros manuscritos. Ao fim do capítulo, realiza-se um detido levantamento sobre os chamados erros de cópia, que são as modificações não-autorais de um texto, e a importância da identificação desses erros, que se configura como uma das principais ferramentas da crítica textual.

O capítulo quarto, de fundamental importância para o público leigo, traz os tipos gerais de edições, que variam de acordo com diversos fatores: tipo de material utilizado, dimensão do livro, qualidade do suporte, edições eletrônicas ou impressas, edição autorizada ou clandestina, edição integral ou abreviada, entre outros. Além desses, existem os chamados tipos fundamentais de edição, que exigem reflexão do crítico textual no momento de sua escolha, que deve ser pautada pelo público-alvo desejado e pela existência ou não de edições anteriores.

Os tipos fundamentais de edição são divididos pelo autor em duas classes: as edições monotestemunhais, baseadas em único testemunho, e as edições politestemunhais, elaboradas a partir do confronto de dois ou mais testemunhos de um mesmo texto. À primeira

classe correspondem as edições fac-similares, diplomáticas, paleográficas e interpretativas, com o grau de intervenção do editor crescendo a cada tipo. Novamente, seguindo o modo de construção da obra, com seus objetivos didáticos, porém não menos analíticos, são reproduzidas quatro imagens da carta de Pero Vaz de Caminha, cada uma representando um tipo de edição citado logo acima.

As edições críticas e genéticas, provenientes do cotejo de dois ou mais testemunhos, são apresentadas a seguir, com a ressalva do autor de que dedicará um capítulo exclusivo à edição crítica, devido à complexidade e importância desta.

As normas de edição, ou seja, os procedimentos que são seguidos durante o processo de edição de um texto, são abordadas no quinto capítulo. Discutem-se, antes dos procedimentos básicos e das normas utilizadas em cada tipo de edição, os princípios que devem nortear a elaboração de um conjunto de normas adequado. Tal discussão revela-se extremamente produtiva, provocando reflexão por parte do futuro crítico textual, leitor do livro.

A edição crítica e sua complexidade é o assunto do sexto capítulo, que inicia por situar o leitor sobre a classificação desse tipo de edição, já descrita sumariamente no quarto capítulo. O estabelecimento do texto crítico, que segue fundamentalmente o método lachmanniano, é dividido entre a recensão e a reconstituição do texto. O autor mostra, com clareza e didatismo, todo o processo de elaboração do estema, partindo de exemplos literais e chegando ao estema da lírica profana galego-portuguesa. Ao examinar a reconstituição do texto, são comentadas suas principais regras, como “a lição mais antiga é preferível”, sobre a qual Cambraia levanta algumas reservas, visto que um copista do século XVIII, por ser mais bem preparado, poderia conservar melhor a lição genuína de um testemunho do que um copista do século XIII. Um modelo básico de apresentação do texto crítico, a partir da organização de todo o material pesquisado, que, segundo o autor, “diz respeito mais propriamente à parte específica da ecdótica”, é apresentado ao fim do capítulo.

Resenha.

A relação entre a crítica textual e a informática, em todos os seus âmbitos, é analisada no penúltimo capítulo. Cambraia comenta as vantagens da evolução da informática, como a economia gerada pelo lançamento de uma edição crítica em versão digital (CD-ROM) e a utilização de programas que fazem comparação entre testemunhos; o autor cita também as desvantagens provenientes do uso exclusivo dos computadores, como o fato de a produção de uma obra muitas vezes não deixar rastros – ou seja, o autor pode simplesmente apagar, substituir, deslocar trechos de sua obra, sem deixar marcas formais desses procedimentos –, e a dificuldade de leitura de uma obra longa em uma tela de computador. Diferente das críticas contumazes ao advento da informática e aos chamados *e-books*, que parecem não levar em consideração os inúmeros benefícios trazidos ao mundo editorial, desde o processo de produção do livro até o de distribuição, o autor faz uma análise arguta da influência da informática, destacando e comentando tanto seus aspectos positivos quanto os negativos.

O último capítulo da obra apresenta uma ousada análise sobre os livros didáticos brasileiros. A questão da genuinidade e fidedignidade dos textos transcritos nos materiais escolares é discutida, levantando-se diversos problemas como supressão de versos e estrofes de poemas, alteração de título, diferente disposição gráfica dos poemas, ausência de fontes, entre outros. Cambraia aponta que o professor deve estar atento a esse tipo de problemas nos livros didáticos. Ressalta ainda a importância de avaliar a qualidade das edições existentes antes de adquirir uma obra, alertando para o fato de que deve haver, no mínimo, a informação da fonte utilizada para a elaboração da edição. O autor sugere a criação de um observatório da produção editorial em língua portuguesa para a elaboração de uma lista com análise da fidedignidade de cada uma das edições, o que facilitaria a escolha de uma ou outra edição pelo leitor, tanto leigo quanto especializado. Por fim, Cambraia propõe que, devido às diferenças existentes entre várias edições de uma mesma obra, fosse interessante realizar na escola um ensaio de crí-

Filol. lingüíst. port., n. 8, p. 191-197, 2006.

tica textual, levantando com os alunos as diferenças entre elas e elaborando possíveis razões para as divergências encontradas.

Como esta resenha espera ter demonstrado, a obra *Introdução à crítica textual*, de César Nardelli Cambraia, é uma excelente oportunidade tanto para os leitores leigos tomarem contato com essa disciplina indispensável para a elaboração de textos genuínos e fidedignos, que atendam aos anseios de veracidade de seus leitores, quanto para estudantes de graduação e pós-graduação que se iniciam no campo da crítica textual, que irão se deparar com um manual introdutório riquíssimo sobre o assunto, em língua portuguesa.

Vanessa Martins do Monte
Universidade de São Paulo (mestranda em Filologia)